

Americanos promovem o feminismo de base

EUA formulam plano para incentivar a igualdade sexual na educação básica e derrubar estereótipos que limitam o horizonte de mulheres desde a infância

JOANNIE M. SCHROF
U.S. News & World Report

A maioria dos adultos ainda se lembra de um ditado pré-feminista que dizia que as garotinhas eram feitas de "açúcar e temperos, tudo muito bonitinho". E a maioria dos que se lembram já o descartaram como um ditado arcaico, um vestígio de um sexismo há muito erradicado. Mas, enquanto a maioria dos americanos ocupava-se em comemorar intensamente sua própria conscientização sexual em relação às décadas passadas, os cientistas continuaram a examinar as nuances entre os gêneros e os papéis sexuais nas salas de aula, nos campos de jogos e nos lares. E a última pesquisa está longe de ser encorajadora.

Apesar de uma lei federal — existente há 20 anos — determinar a igualdade entre os sexos nas escolas, apesar dos muitos efeitos do feminismo e apesar do ativismo de base da senhora Hilary Rodham Clinton, na Casa Branca, as engrenagens sociais relativas à seleção dos gêneros ainda rangem, forçando, as jovens a assumir papéis femininos ultrapassados. Seus murmúrios podem ser ouvidos no mundo cotidiano de uma garota: nas horas de lazer, em programas de TV e até nas bem-intencionadas palavras de pais e professores. Seu dano pode ser observado na maneira como as garotas se calam à medida que amadurecem, na crise de confiança que a maioria delas enfrenta durante a adolescência e nas aspirações profissionais frequentemente podadas até entre as jovens mais brilhantes.

Cruzada renovada — Essas incômodas notícias dadas pelos cientistas sociais deixaram espantada toda uma geração de feministas. E agora começam a provocar um maciço movimento nacional que visa dismantelar a engrenagem de seleção por gênero e garantir que as garotas tenham de fato as oportunidades que todos fingiam que elas já tinham. Universidades, fundações e grupos de mulheres já aderiram à cruzada, formulando programas para contrapor aos velhos estereótipos, estimular a auto-estima e incentivar as garotas a entrarem em campos não tradicionais. À frente dessa iniciativa encontra-se um documento legal chamado Gender Equity in Education Act (Lei de Equidade entre os Gêneros na Educação), co-patrocinado por mais de 70 membros da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos e que aguarda para ser aprovado pelo Congresso neste segundo semestre.

Esse projeto de lei é uma resposta a várias forças sociais que trabalham contra as jovens, que vão desde a indiferença e o desestímulo do professor ao debilitador assédio sexual. Embora a medida tenha atraído o desdém de alguns críticos, que a consideram um meio para transformar as garotas e as mulheres jovens numa nova classe de vítimas, até agora o projeto de lei não enfrentou nenhum traço de oposição por parte dos membros do Congresso.

Os advogados dessa legislação afirmam que seus esforços têm menos a ver com altruísmo e mais com uma cidadania produtiva. "Não há só o fato de essas garotas precisarem de nós, mas também o de nós precisarmos absolutamente delas", explica Jane Daniels, diretora de um projeto da National Science Foundation (NSF) para atrair mais garotas para as áreas de matemáticas e ciências. "Como podemos imaginar, neste mundo altamente técnico, que nossa economia não entrará em colapso, se deixarmos de desenvolver todo o potencial cerebral do nosso país?" O futuro que aguarda as escolares de hoje será não somente falho, devido aos muitos trabalhos pouco especializados desempenhados por 60% das mulheres, como demandará um número de cientistas mulheres três vezes maior do que o atual, de acordo com as projeções da NSF.

Contra essas perspectivas, as descobertas atuais sobre o típico desenvolvimento de uma garota parecem realmente assustadoras. Apenas um oitavo das garotas participa das discussões em aula, em comparação com os garotos. Os pesquisadores descobriram vínculos entre esse silêncio e a de-



pressão e tendência ao suicídio que atingem as garotas numa proporção três ou quatro vezes maior do que atingem os meninos. Apesar de o velho mito de que os garotos são mais capazes e interessados em matemáticas e ciências ter sido repetidamente condenado, muitas garotas ainda acreditam que não são capazes de lidar com esses assuntos e desistem de assistir a essas aulas, mesmo quando conseguem notas excepcionais. Quando chega a graduação no colegial, as jovens são uma minoria em todos os cursos de matemática avançada e de ciências. São duas vezes mais numerosas nas aulas de computação, mas marcam 50 pontos abaixo dos garotos nos exercícios de matemática do Scholastic Aptitude Test. Com o século 21 à vista, as profissões de secretária e de enfermeira ainda se encontram frequentemente no topo das aspirações de carreira de uma garota.

Alguns esforços para dissipar esses desestímulos às garotas já estão sendo recompensados. Por intermédio de métodos de treinamento que incluem a gravação de vídeos nas salas de aula, os professores podem identificar de que maneira eles, inadvertidamente, desconsideram ou desestimulam suas estudantes. Por meio de simples ajustes no estilo, os professores descobriram que as garotas em suas classes mudaram de testemunhas silenciosas em participantes realmente envolvidas e que a defasagem de 8 para 1 encontrada na participação entre os gêneros simplesmente desapareceu. Pelo menos um pequeno número de escolas, em todos os 50 Estados do país, contratou treinadores para estabelecer a equidade entre os gêneros. O Gender Equity in Edu-



Jovem americana aprende computação: ajustes no estilo de aula para que as meninas se interessem por ciência

cation Act fornecerá mais alguns dólares federais para apoiar esse treinamento.

A existência de um ambiente de aprendizado cooperativo parece ser um elemento-chave para atrair e manter o interesse e a proficiência das garotas nas aulas de ciências, matemáticas e computação. Ao tentar descobrir por que as garotas fugiam dessas aulas, os educadores descobriram que os garotos tipicamente monopolizavam os monitores dos computadores, os equipamentos científicos e de matemática, deixando de lado até mesmo as estudantes mais brilhantes, que se recolhiam aos cantos da sala de aula.

Os professores, focalizando os projetos em grupo, conseguiram manter as garotas envolvidas e entusiasmadas. A National Science Foundation está financiando atualmente 15 programas modelo, enquanto a nova legislação requer fundos adicionais para estimular novas maneiras para ensinar matemática e ciências.

Disseminando a palavra — O objetivo mais amplo do Gender Equity Act é o de institucionalizar a idéia da equidade entre os gêneros nas escolas públicas do país. Uma Agência para a Equidade Feminina no Ministério da Educação, por exemplo, disseminaria informa-

ções sobre programas que apoiam as garotas por meio de todas as escolas do país e determina que as escolas adotem certas políticas de igualdade. "A lei poderia introduzir as questões sobre gêneros firmemente na mente de cada administrador escolar", sugere Alicia Coro, chefe dos programas de aperfeiçoamento escolar do ministério. Espera-se que Bill Clinton declare seu apoio a essa proposta nas próximas semanas.

Ainda assim, quanto aos sinais de progresso, um olhar mais atento sobre a vida das garotas mostra que muitas das forças que as inibem não serão facilmente atenuadas por meio de uma nova lei ou

de um programa experimental. Um estudo divisor de águas, conduzido pelas pesquisadoras do desenvolvimento humano Carol Gilligan, da Universidade de Harvard, e Lyn Mikel Brown, do Colby College, mostra que até mesmo as garotas que contam com todas as "circunstâncias corretas" sofrem uma perda traumática de autoconfiança à medida que crescem.

O recente livro de Gilligan e Brown, *Meeting at the Crossroads* (Encontro na Encruzilhada), detalha um estudo realizado ao longo de cinco anos com cem garotas entre 7 e 18 anos de idade, numa escola particular de Ohio só para meninas. Apesar de essas estudantes terem tido mães profissionais como modelos e irem bem na escola, por volta dos 11 ou 12 anos, tiveram desenvolvimentos psicológicos estancados. As garotas começaram a reprimir emoções e opiniões. Cresceram confusas e indecisas, incapazes de falar por si próprias e ficavam paralisadas diante até de pequenos conflitos.

Extensas entrevistas revelaram a fonte de tais sintomas. As meninas descreveram de maneira pungente como elas tinham aprendido, até mesmo com as mães e as professoras, que uma "boa garota" deve tentar agradar a todo mundo, ser sempre gentil ao exprimir raiva ou causar conflito, deixar polidamente que a outra pessoa tenha primazia e, solitamente, deixar suas próprias necessidades em último lugar.

À medida que as meninas deixaram a infância e entraram na puberdade, essas mensagens se intensificaram. Para adequarem-se ao ideal, as garotas explicaram como elas se silenciavam, enfrentavam dissociações mentais e até acabavam ficando em situações prejudiciais ou abusivas. Muitas delas falaram que "não se sentiam realmente como sendo elas próprias".

Essa difusa imagem cultural da "boa garota" talvez seja o comando mais poderoso de toda a engrenagem de seleção entre os gêneros e, provavelmente, o mais difícil de derrubar. Estudos sobre os primeiros anos de vida de uma garota mostram que, desde o dia em que nasce, ela é coberta de brinquedos, roupas e regras de conduta antiquados. Kay Bussey e Albert Bandura, estudiosos do desenvolvimento infantil, publicaram um relatório em recente edição da revista *Child Development*, mostrando que as crianças aprendem e internalizam tais estereótipos entre dois e cinco anos de idade. E, apesar dos aplausos atuais para a equidade entre os gêneros, as crianças estudadas "parecem ser tão marcadas por estereótipos sexuais quanto as do passado."

Embora o ideal feminino tradicional — de açúcar e temperos — possa parecer bastante inócuo, é, na verdade, potente, determinista e prejudicial, dizem agora os psicólogos. É esse ideal que impede as garotas de estudar assuntos "masculinos", mesmo quando as portas estão abertas para elas. É ele que leva as garotas a esconder seu intelecto quando cercadas por garotos e que as desencoraja quanto a assumir riscos ou a encarar novos desafios.

"Os comportamentos que os adultos prezam, na verdade, nas garotas — submissão, altruísmo e silêncio — são os mesmos que as excluirão da competição na força de trabalho", explica Brown. "Virtualmente, todas as qualidades necessárias para enfrentar a vida — força, coragem, independência — são também atributos estereotipados como 'masculinos'."

Mas as normas da sociedade relativas aos gêneros podem mudar e os esforços legais e institucionais em marcha podem apressar esse processo. "Houve um tempo em que o cabelo longo e gracioso e a habilidade para cozinhar eram tidas como antíteses da masculinidade", observa Heather Johnston Nicholson, diretor de pesquisa da Girls Inc., entidade sem fins lucrativos. "Esses dias já se foram." Novos contos de fada são concebidos quase diariamente, dando forma a heroínas e líderes femininas. Do mesmo modo em que tem suas raízes na cultura popular, a idéia da donzela em apuros pode perder sua sedução e assim, também, a noção de que há certas coisas que as garotas não podem fazer.